

O BRASIL ENTRA EM CAMPO? PAULISTAS X CARIOCAS NOS PRIMÓDIOS DO FUTEBOL BRASILEIRO (1919-1938)

FELIPE MORELLI*

A trajetória do football association, no Brasil, pode ser contada por uma narrativa que caminhe da tentativa de monopólio do esporte pelas elites, à convivência - tão indesejada quanto mais freqüente - com personagens das camadas menos abastadas, em um processo de arrebatadora popularização que desaguaria na sua consagração como símbolo nacional. Entretanto, essa visão panorâmica da história do esporte bretão, como prática e expressão de um cultura de consenso,¹ em nossas terras, tende a mascarar os conflitos, contradições e negociações que caracterizariam o universo futebolístico nas principais capitais do país.

Dentre as querelas mais marcantes durante as primeiras décadas da prática do association, no Brasil, está a rivalidade entre cariocas e paulistas, rixa que adentrou ao terreno futebolístico acompanhando o vigor com que, em seu entorno, Rio de Janeiro e São Paulo disputavam a posição de vanguarda política e cultural da nação.²

A troca de gentilezas, na esfera do poder esportivo, entre instituições e grupos de ambas as capitais, já existia desde meados da

década de 1910.³ Datam desse período as primeiras disputas pela representação do futebol brasileiro junto a FIFA, envolvendo a Federação Brasileira de Sports (RJ) e a Federação Brasileira de Football (SP), cuja resolução levaria à criação da Confederação Brasileira de Desportos (CBD), em 1916, enquanto máxima entidade esportiva do país. As desavenças entre cariocas e paulistas se manifestariam, desde então, nos principais torneios disputados pela seleção brasileira, e encontrariam, nas páginas dos principais jornais de ambos os centros, solo fértil para o seu crescimento.

Foi esse o caso da primeira grande conquista brasileira no cenário internacional, o Sul-Americano do Rio de Janeiro de 1919, onde, apesar do clima agregador e harmônico com que a imprensa e os cronistas, de ambas as capitais, procuravam revestir aquela ocasião (de modo a ressaltar que acima do fato de os jogadores serem de São Paulo ou do Rio, antes de tudo, eram brasileiros), os torcedores, que compareciam aos treinos na capital federal, não se mostravam tão complacentes com os jogadores paulistas: as seguidas manifestações de hostilidade, levaram a diretoria da Confederação Brasileira de Desportos a publicar um apelo ao público “...para que não perturbe a eficiência dos exercícios de conjunto dos footballers que se preparam para o Sul-Americano, lembrando-lhe que perseguir sistematicamente em campo os jogadores patricios com manifestações de hostilidade é uma atitude impatriótica, que só pode concorrer para o mau preparo desses jogadores...”⁴

A construção do sentimento nacional, expresso naquela oportunidade, não anulava outros tipos de antagonismos que estavam em sua base. Para o historiador Fabio Franzini,⁵ apesar da mencionada tentativa de aplacar a rivalidade existente entre cariocas e paulistas (tão presente nas arquibancadas do estádio das Laranjeiras), os principais jornais paulistas e cariocas tratavam de nutrir a contenda, durante e após o triunfo no Sul-Americano de 1919. Como exemplo, pode-se tomar o

caso do Correio Paulistano, que, no dia seguinte à conquista, destacava a contribuição dos jogadores que atuavam em clubes de São Paulo (sendo oito, dos onze titulares daquela seleção, inclusive Friedenreich) dedicados a elevar o nome do Brasil ao compor aquele time, valorizando nos players paulistas “o admirável espírito de desprendimento pessoal e desinteresse regional com que, invariavelmente, tomaram parte nas lutas, visando com seu esforço ... engrandecer o Brasil”.⁶

Todavia, os mesmos cronistas que coroavam de glória os craques paulistas após a conquista, foram os que, por diversas vezes, criticaram duramente a comissão técnica da seleção e a CBD às vésperas do Sul-Americano, alegando uma postura bairrista na convocação e na escalação da seleção, marcadas pelo favorecimento aos jogadores que atuavam nos clubes do Rio, e supostas “injustiças” aos craques de São Paulo.⁷ Tal insatisfação com a suposta falta de critérios para com os jogadores paulistas levou o cronista d’O Estado de São Paulo, decepcionado, a desejar que os valorosos bandeirantes fossem dispensados pela comissão organizadora do escrete: “Quase que chegamos a desejar que a comissão técnica, do alto da sua sabedoria, faça ‘saltar’ do escrete todos os jogadores paulistas. Pelo menos assim estaria salva a responsabilidade de São Paulo”.⁸

A rivalidade efervescia ainda mais naquele cenário ante ao pedido de demissão do sportsman paulista, Silvio Lagreca, de seu posto na comissão técnica da seleção, com a argumentação de que era voto vencido nas reuniões do corpo técnico. A insatisfação do cronista d’O Estado de São Paulo se dirigia principalmente ao presidente da comissão, Mario Polo, pois, o representante do Fluminense estaria agindo de maneira clubística no comando do escrete:

Quanto ao Sr. Mario Polo, nem seria preciso fazer uma referência: é de sobejo conhecida a intolerância desse arrebatado moço que sempre dá provas de seu caráter por demais violento e apaixonado,

principalmente em assuntos que tratam do seu ‘leal e heroico’ Fluminense. Agora, por exemplo, o Sr. Mario faz absoluto empenho em que jogue no gol do escrete brasileiro o elegante Sr. Marcos de Mendonça. Quando Lagreca aventava a ideia de ser chamado Tuffy para treinar, o Sr. Polo discordou, sob a alegação de que Marcos poderia ficar sentido com isso... Colocou a suscetibilidade da camisa de seda do Sr. Marcos acima do interesse geral do sport nacional!... A comissão técnica tricolor tem adotado até hoje esse critério para a escolha dos jogadores: ‘paulista, jogou bem, é brincalhão, e por isso não serve. Carioca, jogou mal, estava infeliz, e deve ser experimentado em outra posição.’⁹

Mais do que se constituírem em “representantes da Pátria”, os jogadores, naquela ocasião, aos olhos da imprensa e dos torcedores das duas capitais, estavam mais para se caracterizar por um combinado de “representantes cariocas” e “representantes paulistas”. E foi dessa maneira que alcançariam o triunfo, uma conquista que, ao menos temporariamente, seria salientada e vivenciada como uma vitória da nação esportiva brasileira. Uma vitória que teria todas as marcas de um enredo dramático, desenrolado de maneira sofrida, na segunda prorrogação, do segundo jogo da final, contra os uruguaios, graças ao gol do atacante mulato e paulista, Friedenreich, e às grandes defesas do goleiro da seleção e do Fluminense, Marcos de Mendonça. Sem dúvida, um momento marcado, em sua grandeza, não só pela explosão entusiástica das ruas, assim como pela mobilização de autoridades políticas, esportivas e da imprensa na capital da República, conforme destaca o historiador Leonardo Afonso de Miranda Pereira:

Tratado como um assunto de utilidade pública, o campeonato sul-americano recebia todo o apoio de jornalistas, esportistas e autoridades como o Ministro da Fazenda, que reduziu em 50% os preços das passagens dos navios e trens usados pelas delegações estrangeiras. Grande marco para o esporte nacional(...).¹⁰

As manifestações, que eclodiram durante o torneio, causavam na opinião pública a ilusão de que todo o Brasil se condensava no estádio do tricolor carioca, ainda que esse entusiasmo não tenha sido igualmente compartilhado por torcedores de outras cidades do país, o que lhe traz um caráter muito mais pontual do que nacional. Porém, é bastante compreensível a consideração de um cronista da Revista O Malho, após mais uma vitória do Brasil: “A vida nacional tem agora por cenário ... o stadium do Fluminense”.¹¹

No entanto, mesmo com o fomento do sentimento nacionalista no futebol brasileiro, os conflitos e rivalidades também se consolidavam no esporte, dentre os quais o antagonismo entre a capital federal e a capital bandeirante. Na década de 1920, as tensões, no campo esportivo, iam ao encontro do confronto entre intelectuais que reivindicavam para Rio ou São Paulo a posição de vanguarda política e cultural necessária à modernização do país. Baseando-se em perspectiva apresentada por Marly Silva da Motta,¹² o historiador Fábio Franzini salienta que tal debate foi acirrado pelas comemorações do centenário da independência, em 1922, episódio que levantou questionamentos acerca de que modelo de cidade seria o mais adequado para alavancar o progresso da nação:

Em meio a tais debates, forjou-se em nosso meio intelectual um movimento de valorização da capital paulista em detrimento da capital federal, que passa a ser questionada enquanto cabeça da nação. São Paulo, terra dos bandeirantes e dos imigrantes, ‘a cidade que não pode parar’, seria o modelo ideal para conduzir o país pelos trilhos do progresso(...) Já o Rio de Janeiro, por sua natureza privilegiada que induzia antes à contemplação que ao trabalho e a transformava no lugar do ‘devagar, quase parando’, estaria no extremo oposto, exemplo perfeito da ‘antinação’.¹³

O dinamismo da capital paulista emerge também na percepção de um dos mais destacados expoentes do movimento modernista, o poeta e escritor Mario de Andrade, cujo poema, *Domingo*, em *Paulicéia Desvairada*, de 1922, destaca os paradoxos do futebol ao representar, em sua ótica, a futilidade da civilização moderna, promotora de tudo o que há de mais superficial e desprovido de valor, tal e qual este esporte, contudo, se estabelecendo de forma pulsante no cotidiano paulistano:

Domingo

...

Hoje quem joga? O Paulistano

Para o Jardim América das rosas e dos pontapés!

Friedenreich fez goal! Corner! Que juiz!

Gostar de Bianco? Adoro. Qual Bartô...

E o meu xará maravilhoso...

--Futilidade, civilização.¹⁴

No embalo dos versos de Mario de Andrade é apresentado o retrato do novo ritmo de vida que marcava a incipiente modernização da capital paulista, incidindo sobre o tempo em uma aceleração correspondente ao dia a dia de uma metrópole em formação. Dos jogadores citados estão alguns dos de maior destaque no futebol paulista e brasileiro da época, todavia, no poema, como no futebol brasileiro naquele momento, o maior destaque caberia mesmo à Friedenreich, um dos primeiros grandes craques e artilheiros do esporte bretão, em nossas terras. Personagens que serviam aos versos de Mario de Andrade, em

estrofes que exprimiam muito bem as transformações vivenciadas pelo paulistano com a modernização.¹⁵

Nesse sentido, é importante ressaltar que o período em questão correspondia ao contexto pós - Primeira Guerra, em que o Brasil, assim como boa parte do mundo, sofria transformações diretamente vinculadas às repercussões do conflito, dentre as quais se insere, no campo das ideias, a retomada dos ideais nacionalistas. Caberia, então, à vanguarda intelectual do país a “missão” de encontrar e definir os elementos que caracterizariam a especificidade do “brasileiro” e que ajudariam a compor uma identidade nacional.

Diante dessa perspectiva, os grupos modernistas assumiram papel de protagonismo no cenário nacional, apresentando como base do movimento (apesar de diferentes projetos e concepções em seu interior) a perspectiva de afirmação da brasilidade, apoiada em noções como as de civilização e modernidade. Ganha destaque nesse exercício a antropofagia, proposta por Oswald de Andrade, no *Manifesto Antropófago*, que, a seu ver, seria peculiar à modernidade brasileira, caracterizada “por saber ingerir e digerir criativamente o que vem de fora”.¹⁶ É o que poderia se presumir do caso do football association, que cada vez mais ia ganhando contornos “abrasileirados” em seu estilo, ainda que nem todos os intelectuais do período aceitassem de bom grado o esporte.

Era esse o caso, por exemplo, do escritor Lima Barreto que se tornou o “paladino do contra”, no que diz respeito à campanha de rejeição a essa cultura de pontapés, por considerar esse esporte demasiadamente violento, além de promotor da degeneração da cultura brasileira, mais um fator de desagregação social e regional, que serviria como mais um instrumento de perpetuação das desigualdades raciais no país. Para Barreto, tais aspectos se evidenciariam mais nitidamente no caráter elitista dos grandes clubes brasileiros da época, que, durante os

primeiros anos do século XX, procuraram resistir à entrada de jogadores negros, mulatos e brancos pobres, em seus quadros.

Apesar de suscitar debates entre os “homens das letras” nas duas capitais, o futebol popularizado se afirmava nacionalmente, ao passo que era impulsionado no cenário internacional por campanhas vitoriosas, como a excursão do Paulistano à Europa, em 1925. Tal empreitada se daria em um momento no qual o futebol sul-americano passara a ser olhado com maior admiração por parte dos europeus, principalmente, após o triunfo dos uruguaios nas Olimpíadas de 1924, levando clubes de destaque do continente (como Nacional de Montevideu (Uru), Boca Juniors (Arg) e o próprio Paulistano) a serem convidados para a realização de amistosos no Velho Continente.

A “épica trajetória” em gramados europeus (ao menos assim parte da imprensa bandeirante abordou a vitoriosa campanha) ficou caracterizada como um dos primeiros momentos de protagonismo do futebol brasileiro, a nível clubístico, no cenário internacional. Logo no primeiro match, disputado em Paris, Friedenrech e cia. tiveram pela frente a seleção francesa, no campo de Bufallo, onde numerosa assistência compareceu, com direito, inclusive, à presença de autoridades, como o representante oficial do governo francês, o governador de Paris, além do embaixador brasileiro, Souza Dantas, e o ex-governador de São Paulo e então candidato à presidência, Washington Luís. Dentro de campo, a goleada de 7 a 2 surpreendeu a todos (com destaque absoluto para Fried, que anotou três gols), e teve grande repercussão na imprensa francesa, assim como nos jornais brasileiros e argentinos, sendo tratado como um feito de grande relevo para o futebol sul-americano. Nesta ocasião, o francês *Le Journal* qualificou os jogadores brasileiros como *Les Rois du Football* (Os Reis do Futebol).¹⁷

Enquanto *A Gazeta*, na seção “Todos os Esportes”, saudava o feito dos jogadores paulistas em benefício da boa propaganda da pátria

no estrangeiro, a abordagem dos jornais da capital federal não economizava no entusiasmo, explorando a vitória contra a França, por 7 a 2, em plena capital francesa, como um feito do futebol brasileiro, sendo um mero detalhe o fato de se tratar de um clube que levava as marcas de São Paulo em seu nome:

‘A Noite’ - ‘Salve futebolistas brasileiros! Estupenda vitória do C. A. Paulistano por 7 a 2’... ‘O Jornal do Comércio’ - ‘Os onze valentes patrícios, representantes legítimos do futebol nacional, foram felizes no desempenho da missão que lhes cabia..., pois, vencendo galhardamente um adversário terrível, colocaram o esporte brasileiro em lugar de merecido destaque e em uma posição digna de louvores. Incontestavelmente,... outro não poderia ser o contentamento de todos os brasileiros que prezam o pavilhão pátrio, dada a grande satisfação pela partida efetuada em Paris’.

‘Rio-Jornal’ - ‘7 a 2! Ao noticiar essa contagem sentimos um ‘frisson’ que nos comove e não nos permite emudecer, calar no fundo do peito um hurrah! Aos onze valorosos patrícios, que com tanta valentia e garbo glorificaram, em país estrangeiro, o abençoado nome do Brasil!’¹⁸

No regresso ao Brasil, a delegação do Paulistano foi homenageada desde Recife a São Paulo,¹⁹ recebendo as devidas honrarias pela brilhante campanha em gramados europeus por autoridades, torcedores e imprensa. Não à toa o poema de Oswald de Andrade, em “Postes da Light”, parte de *Pau Brasil*, de 1925, celebrando aquele êxito do futebol brasileiro como triunfo da modernidade em nosso país, então capaz de enfrentar e vencer os melhores do mundo:

A Europa curvou-se ante o Brasil

7 a 2

3 a 1

A injustiça de Cette

4 a 0

2 a 1

3 a 1

E meia dúzia na cabeça dos portugueses.²⁰

O itinerário de sucesso do C. A. Paulistano, em gramados europeus, serviria à imprensa paulista como oportuno episódio para a exaltação do “mito bandeirante”,²¹ resgatado nas crônicas esportivas como fundamental à construção e unificação do território nacional. Da mesma forma, no campo esportivo, a equipe paulista também contribuía para a construção de uma imagem vencedora do futebol brasileiro no estrangeiro.

Mais uma vez, São Paulo emergia como vanguarda nacional e, sob o feito do Paulistano, a construção simbólica da “paulistanidade” surgia como tentativa de mascarar a diversidade e as desigualdades que caracterizavam a formação da metrópole heterogênea, argumentando-se em favor de sua integração cultural, dos imigrantes de origens diversas, dos negros, dos mulatos e dos brancos; do café e da indústria; de um passado recriado e de uma modernidade incipiente, oferecendo um paradigma de uma identidade mestra, que congregasse os diferentes grupos e funcionasse como fio condutor do futuro. Uma identidade que teve, no futebol, e em Friedenreich, alguns de seus maiores símbolos, e que se erguia com base em uma oposição fundamental, em relação ao “carioca”.²²

Contudo, não se pode deixar de lado, para o entendimento da questão, um episódio que monopolizaria as atenções no cenário político nacional, naquela conjuntura, e que seria responsável por fomentar ainda mais a questão regionalista, caso da Revolução Constitucionalista de 1932. Sob a liderança do tenente Isidoro Dias Lopes, tal movimento

seria motivado pela situação de São Paulo, como grande derrotado da Revolução de 1930. Por conta das medidas centralizadoras de Vargas, os paulistas planejaram uma revolta armada para dar fim à ditadura e recuperar a autonomia do estado.²³

Apesar do apoio de lideranças como Artur Bernardes, em Minas, e Borges Medeiros, no Rio Grande do Sul, o movimento fracassou na tentativa de criar focos de resistência armada nesses estados. A revolução Constitucionalista durou três meses e, em 2 de outubro, as tropas paulistas se renderam, encurraladas por tropas federais. Os líderes do movimento foram presos e tiveram seus direitos políticos suspensos por três anos, outros foram excluídos.

É no bojo desse processo que se pode entender a grandeza do feito do C. A. Paulistano, no ano de 1925, na memória de alguns cronistas esportivos bandeirantes. Tal afirmação pode ser mais bem sustentada quando se observa um dos maiores nomes desse gênero na imprensa esportiva paulista e brasileira, o jornalista Thomaz Mazzoni, que, por ocasião da Copa do Mundo de 1938 (disputada na França), evocava a jornada do tradicional clube paulista pela Europa, em 1925 (nas páginas da seção esportiva d'*A Gazeta*, por ele próprio dirigida), com o intuito de glorificar o renome esportivo de São Paulo. Em sua perspectiva, graças às conquistas dos futebolistas de São Paulo que o futebol brasileiro, às vésperas do III Campeonato Mundial, podia se inspirar em uma “tradição vitoriosa” e acreditar no sonho da conquista do inédito título mundial.²⁴

De toda maneira, não é possível compreender a rivalidade pulsante que marcaria a tentativa de construção de uma identidade nacional, em torno da seleção brasileira de 1938, sem atentar para um episódio anterior e ainda mais significativo da rivalidade São Paulo x Rio. O antagonismo regional teria mesmo sua máxima expressão, no futebol, por ocasião da Copa de 1930 (disputada no Uruguai), em face da recusa

da Confederação Brasileira de Futebol (CBD) em nomear um representante da Associação Paulista de Esportes Atléticos (APEA), para compor a comissão organizadora da seleção, atitude que levou à represália da entidade paulista, através da decisão de não ceder os atletas que atuavam nos clubes que compunham o seu quadro de filiados, para a disputa da Copa do Mundo. Nas palavras do então presidente da APEA, Elpídio de Paiva Azevedo: “a Associação, para evitar a continuação das humilhações por que a CBD a fazia passar, recusou [-se] a cooperar com seus jogadores para formar o selecionado brasileiro”.²⁵

Por conta do ocorrido, o tiroteio se prolongou entre os jornais das duas capitais. A Gazeta, por sua vez, saía em defesa da APEA e zombava das acusações dos jornais do Rio, que rotulavam de impatriotas aos esportistas paulistas:

Ora os patriotas... Faz rir o que tem escrito a imprensa carioca sobre o ‘patriotismo deles’ e o patriotismo paulista... ‘São maus patriotas!’, dizem por lá, na faustosa Guanabara, quando não existe pessoalzinho mais ‘falseta’ do que o esportista guanabarino. Clamam aos céus a nacionalidade de alguns diretores da APEA. Como se a nacionalidade fosse oriunda exclusivamente do bugre! É o cúmulo esse jacobinismo roxo... Por certo que os diretores da APEA são tão brasileiros como os que mais são! Os cariocas julgam que dirigir uma entidade a trouxe mouxe, sistema cebedense, é que é ter patriotismo verdadeiro! Que decantado patriotismo é esse, o do carioca, que chegou ao cúmulo de pedir um prazo maior à FIFA para a sua inscrição, certa de que, à última hora, prescindiria do auxílio paulista? A APEA, ainda domingo, fez realizar somente dois jogos do campeonato [paulista], esperando novas resoluções cebedenses.²⁶ Eles, porém, negaram-se a voltar atrás, não quiseram confabulações cordiais com os ‘maus patriotas!’ Sim senhor, faz rir essa patriotada de meia tigela. Se se manter dentro de uma linha ríspida de intransigência e arrogância é ter patriotismo, estamos bem arranjados com os patriotas do Pão de Açúcar.²⁷

O estatuto da CBD previa que a comissão técnica deveria ser composta por apenas três membros, e esse seria o argumento da entidade para não ceder à solicitação da APEA. Contudo, o presidente

da entidade paulista, Elpídio de Paiva Azevedo, não engoliu essa justificativa, visto que tal comissão, às vésperas do Mundial, vinha sendo composta por cinco membros, por isso não era meramente uma questão numérica e estatutária.²⁸ Concordando com a refutação do presidente da APEA, o cronista da Gazeta só encontrava uma explicação para o caso: o bairrismo característico dos “patriotas do Pão de Açúcar”:

O eterno carioca! A clássica luta entre a competência técnica e o amor próprio dos guanabarininos!... Por questões de rixa, põem os paulistas fora da seleção nacional. Meras suposições de espíritos propensos a quizílias políticas. É a situação atual do futebol brasileiro, diante do intempestivo gesto dos cebedenses. Vendo que não conseguiam fazer ‘gato e sapato’ dos esportistas bandeirantes, dispoendo deles como quem dispõe de cavalos de corrida, zangadíssimos, capciosos nas explicações à imprensa, escalaram para o selecionado apenas elementos de lá... Em que mãos, santo Deus, foi parar o destino do esporte nacional!²⁹

Como consequência direta do imbróglio esportivo, a atmosfera bairrista permearia a torcida pela seleção nacional e um episódio se tornaria bastante representativo do clima vivenciado nas ruas de São Paulo, em meio àquele mundial: durante o jogo Brasil e Iugoslávia – assim que fora noticiada a derrota brasileira - o dirigente esportivo do clube argentino Huracán (que excursionava a essa capital para a disputa de algumas partidas amistosas), ficou perplexo ao cruzar com um grupo de torcedores paulistas fazendo festa após o jogo:

Vivas e mais vivas eram entoados e eu disse: ‘Os brasileiros venceram’. Um rapaz próximo de mim disse então: ‘Não, senhor, os cariocas perderam por 2 a 1’. E com espanto maior vi desfilarem um funeral, onde os cânticos fúnebres e morras aos cariocas ecoaram! Fiquei bobo e pensei como nós, argentinos, tínhamos pena de ver os brasileiros, aliados do campeonato, gozarem seus irmãos! Pensei que não era o território brasileiro.³⁰

Ainda que muitos aficionados paulistanos tenham celebrado o insucesso da seleção, esse não foi o mesmo sentimento da maioria dos torcedores, país afora. De toda maneira, a I Copa do Mundo terminou prematuramente para o escrete nacional (ou guanabarrino), eliminado na 1ª fase, após derrota, na estreia da competição, para os iugoslavos, pelo placar de 2 a 1. Mesmo vencendo os bolivianos (4 a 0), no segundo jogo, o selecionado brasileiro teve de fazer as malas de volta para o país, desclassificado, por conta da vitória da Iugoslávia sobre a mesma Bolívia.

Assim, o futebol somente alcançaria o *status* definitivo de símbolo nacional durante a Copa de 1938, tendo em conta o apoio do regime varguista àquela campanha e a tentativa de superação do antagonismo regional. Tal fato, como aqui brevemente elucidado, esteve longe de calar os ecos de um processo de lutas e disputas na política, nas ruas e nas páginas esportivas. Processo que pode ser mais bem observado, se levarmos em conta suas implicações e manifestações no terreno futebolístico, esforço que esse trabalho se propõe a despendar.

Notas

* Doutorando pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Título: O Brasil entra em campo? Paulistas x cariocas nos primórdios do futebol brasileiro (1919-1938). Bolsista integral CNPq. Orientação: Dra. Estefânia Knotz Canguçu Fraga. E-mail: felipemachadopuc@hotmail.com

¹ O futebol, no contexto estudado, se estabelece como prática cultural e lugar onde a sugestiva unidade simbólica da comunidade nacional não impede a formação de identidades em conflito; antagonicas representações da nação; imagens de "Brasil" produzidas e difundidas a partir do futebol e que opunham paulistas e cariocas. Como ressalta um dos expoente dos Estudos Culturais Britânicos, E. P. Thompson, é preciso desconfiar da noção homogênea de cultura evocada em uma determinada conjuntura, uma vez que a cultura é "um conjunto de diferentes recursos, em que há sempre uma troca entre o escrito e o

oral, o dominante e o subordinado, a aldeia e a metrópole; é uma aldeia de elementos conflitivos (...)". Ver: THOMPSON, Edward. P. *Costumes em comum*. Estudos sobre a cultura popular tradicional. São Paulo: Cia. das Letras, 1998, p. 17.

² Com base na concepção de "nação" como "comunidade política imaginada", de Benedict Anderson, o jamaicano Stuart Hall chama a atenção para a importância de se considerar as "culturas nacionais" que acabam diluídas na evocação fácil e consensual da noção de "identidade nacional". Ou seja, ao invés da sugestiva ideia de uma "identidade mestra" que liga os indivíduos como se fosse possível conformar os diferentes grupos em um ideal de nação unívoca, é preciso ter em conta, num dado contexto histórico, os discursos que produzem sentidos sobre a "nação" e constroem não uma identidade única, homogênea, mas diferentes identidades no interior da comunidade nacional; sentidos "que estão contidos nas histórias que são contadas sobre a nação; memórias que conectam seu presente com seu passado e imagens que dela são construídas". (HAAL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro (trad.). 7 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2003, p. 51). Nos acontecimentos esportivos aqui abordados, os sentidos e imagens de "Brasil" produzidos, a partir do futebol, por cronistas, dirigentes, jogadores e torcedores, das duas principais capitais do país, constituem-se como identidades em conflito, uma vez que a rivalidade regional pulsava nos gramados, nas ruas e nas redações, ao mesmo tempo em que o sentimento nacional se expressava nas primeiras glórias do futebol brasileiro. Para um maior esclarecimento conceitual da noção de "nação" como artefato historicamente construído ver: ANDERSON, Benedict. *Nação e Consciência Nacional*. São Paulo, Editora Ática, 1989. e HOBBSAWM, Eric J. *Nações e Nacionalismo desde 1870*. Rio de Janeiro, Paz e Terra: 1990.

³ É neste contexto que surge a taça Rio-São Paulo, opondo, anualmente, as seleções dos dois estados a fim de definir "a qual dos dois grandes centros esportivos cabe(...) a supremacia no foot-ball". Esta seria uma das primeiras iniciativas voltadas para a popularização do confronto. Ver: PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. *Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro, 1902-1938*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 2000, p. 160.

⁴ *O Estado de São Paulo*, 27 de abril de 1919, p. 6.

⁵ FRANZINI, Fabio. *Corações na ponta da chuteira: capítulos iniciais da história do futebol brasileiro (1919-1938)*. Rio de Janeiro. DP&A, 2003.

⁶ *Correio Paulistano*, 30 de maio de 1919, p. 2.

⁷ Naquela ocasião, a comissão técnica do escrete era formada pelos sportmens do Fluminense, Afonso Castro e Mario Polo, além dos jogadores paulistas Silvio Lagreca e Ferreira Viana, cabendo, a esse seletor grupo, as deliberações e medidas concernentes à organização do torneio e do selecionado nacional.

⁸ *O Estado de São Paulo*, 26 de abril de 1919, p. 6.

⁹ *O Estado de São Paulo*, 1 de maio de 1919, p. 6. Vale esclarecer que a indignação dos cronistas de São Paulo em relação à comissão técnica da seleção se dava pela ausência, na convocação do grupo de jogadores que disputaria o Sul-Americano, de grandes nomes do futebol bandeirante à época, casos do back Neto e do

atacante Formiga. Além disso, era também questionada a titularidade do goleiro do Fluminense, Marcos de Mendonça, o “fitinha roxa” (em alusão à fitinha amarrada em seu calção, bem como a sua condição de um dos símbolos do futebol aristocrático e amador), sendo reivindicada pelos representantes paulistas a colocação do paulista Dionísio, no posto de arqueiro da seleção, ou mesmo do goleiro Tuffy, um dos nomes destacados pelo cronista no trecho supracitado.

¹⁰ PEREIRA, *op. cit.*, p. 135.

¹¹ J.R., Notas da semana. In: *O Malho*. 17 de maio de 1919. *apud* PEREIRA, *op. cit.*, p. 136.

¹² MOTTA, Marly Silva da. *A nação faz cem anos: o centenário da independência no Rio de Janeiro*. CPDOC, 1992, 18f. Disponível em: http://cpdoc.fgv.br/producao_intelectual/arq/1039.pdf. Acesso em: 25 out. 2010.

¹³ FRANZINI, *op. cit.*, p. 22.

¹⁴ Mário de Andrade, em Paulicéia Desvairada, 1922. *apud* GONÇALVES JUNIOR, René Duarte. *Friedenreich e a reinvenção de São Paulo: o futebol e a vitória na fundação da metrópole*. 146f. Dissertação (Mestrado em História) Universidade de São Paulo (USP), 2008, p. 14. Vale esclarecer que o Jardim América era o campo do C. A. Paulistano (principal clube na fase elitista do futebol em São Paulo) e palco de boa parte dos gols de Friedenreich, por muitos anos o maior destaque da equipe e do futebol brasileiro. Bianco Spartaco Gambini era, àquela altura, o grande *back* do Palestra Itália (SP), clube o qual defenderia como capitão durante a maior parte de sua carreira, que teve como ponto mais alto o título Sul-Americano em 1919, oportunidade em que integrou o escrete brasileiro; Bartolomeu Vicente Gugani (Bartô) se destacou atuando como *half* do C. A. Paulistano, nos anos 1920, tendo conquistado também o Sul-Americano de 1919, e fazendo parte da famosa excursão da equipe paulista pela Europa, em 1925, ao lado de *El Tigre*; o “xará maravilhoso”, ao qual Mário de Andrade se refere, é Mario de Andrade e Silva, também conhecido como *Menino de Ouro*, se destacando na equipe do C. A. Paulistano nos anos 1910 e 1920, também participando da vitoriosa excursão à Europa, em 1925, porém, sem ter sequer uma vez atuado pela seleção brasileira.

¹⁵ O futebol de fins do século XIX e início do XX, em São Paulo, também se constituiria em mais uma prática esportiva a cumprir a função de demarcar as fronteiras sociais entre a elite paulistana e a população de baixa renda (que afluía em número cada vez maior de imigrantes vindos de diversas regiões do país e do exterior à metrópole em formação). Impulsionada pela força do café e tendo as indústrias a se instalar nos espaços localizados entre as ferrovias e as várzeas, a capital paulista configurava uma hierarquização do espaço urbano em que tais bairros - cada vez mais desvalorizados - atraíam a população trabalhadora e imigrante em busca da combinação emprego / moradia barata. Foi naquele contexto, de uma República excludente, que o discurso da elite paulistana procurou estabelecer, através dos esportes, e, essencialmente no que diz respeito a esse trabalho, o futebol, mais um campo de reforço desta lógica distintiva que deveria caracterizá-lo como acontecimento social, elemento de modernização. Ver: GONÇALVES JUNIOR, René Duarte. *op. cit.*, pp. 22-23.

¹⁶ ANDRADE, Oswald de. Manifesto Antropófago. In: *Do Pau Brasil às Antropofagias e às Utopias*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1970. apud GONÇALVES JÚNIOR, *op. cit.*, p. 76.

¹⁷ A *Gazeta*, 17 de maio de 1919, p. 6. Dando prosseguimento à excursão, o Paulistano venceria o Stade Française, por 3 a 1 (três gols de Fried). Na cidade de Cette, a equipe não teria a mesma sorte e sofreria sua única derrota (1 a 0), para o Cette F. C., resultado atribuído, pela imprensa esportiva paulistana, à má atuação da arbitragem, tornando esse episódio conhecido como *injustiça de Cette*. Em seguida, goleada sobre o Bastidienne (4 a 0), com direito a três gols de Fried. Depois, vitória apertada sobre o Havre, por 2 a 1. O itinerário na França seria interrompido por uma breve passagem pela Suíça, inaugurada com nova vitória (2 a 1), sobre o Strasbourg. Na cidade de Berna, mais um triunfo, dessa vez por 2 a 0, contra o Auto Tour. O grande desfecho das exibições nesse país se deu na cidade de Zurich, com a vitória por 1 a 0, sobre uma equipe equivalente ao selecionado suíço. De volta à França, o Paulistano faria seu último jogo em Rouen, vencendo, por 3 a 2, o combinado local. Apesar dos muitos convites recebidos para dar continuidade àquela excursão, a delegação brasileira deixaria Paris no dia 23 de abril, fazendo ainda uma escala em Lisboa, onde se despediria da Europa com mais uma exibição de gala, goleando a seleção de Portugal, por 6 a 0. A *Gazeta*, 14 de maio de 1925, p. 3.

¹⁸ A *Gazeta*, 18 de março de 1925, p. 3.

¹⁹ A *Gazeta*, 14 de maio de 1925, p. 1.

²⁰ ANDRADE, Oswald. *Pau Brasil*. São Paulo, Globo, Secretaria do Estado da Cultura, 1990. apud GONÇALVES JUNIOR. *op. cit.*, p. 45.

²¹ De acordo com Melina Pardini, o mito bandeirante edificara-se na proposição de exaltar a importância dos caminhos abertos pelos desbravadores paulistas pelo interior do país, caminhos estes fundamentais não só à comunicação entre as diferentes regiões brasileiras, bem como ao processo de unificação territorial. Para mais detalhes, ver: PARDINI, Melina Nóbrega Miranda. *A Narrativa da Ordem e a Voz da Multidão: O Futebol na Imprensa durante o Estado Novo (1937-1945)*. 2009. 239f. Dissertação (Mestrado em História Social). São Paulo: USP/Programa de Pós-Graduação em História Social do Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, p. 205.

²² GONÇALVES JÚNIOR. *op. cit.*, pp. 85-86.

²³ PANDOLFI, Dulce Chaves. Os anos 1930: as incertezas do regime. In: FERREIRA, Jorge & DELGADO, Lucília de Almeida Neves (org.). *O tempo do nacional-estatismo: do início da década de 1930 ao apogeu do Estado Novo*. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, v. 2, 2007. O próprio Friedenreich participaria como sargento e tenente das tropas paulistas na Revolução Constitucionalista de 1932, naquela oportunidade também doando seus troféus para a campanha “Ouro para o Bem de São Paulo”, e entrando, definitivamente, para o rol dos heróis paulistas, deixando de ser somente um herói dos gramados. Ver: GONÇALVES JUNIOR. *op. cit.*, p. 49.

²⁴ A *Gazeta*, 27 de abril de 1938, p. 8.

²⁵ FRANZINI. *op. cit.*, p. 23, grifo do autor.

²⁶ A APEA havia interrompido o campeonato paulista por causa da necessidade de comparecimento de seus jogadores aos treinos da seleção, e ainda não havia reiniciado o campeonato, em definitivo, por aguardar uma possível resolução do conflito com a CBD, o que não ocorreu.

²⁷ *A Gazeta*, 18 de junho de 1930, p. 9, grifo nosso.

²⁸ *A Gazeta*, 14 de junho de 1930, p. 13.

²⁹ *A Gazeta*, 17 de junho de 1930, p. 9.

³⁰ FRANZINI, *op. cit.*, p. 46.

Data de envio: 13/03/2014.

Data de aceite: 28/03/2014.